

Quando o museu é habitado...

Rita Maia Gomes

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

maia.gomes.rita@gmail.com

Resumo

Os Museus de Arte são, por excelência, espaços privilegiados de sensibilização e educação artística, como provam os estudos que têm sido efetuados e as experiências realizadas em contextos museológicos.

Esta comunicação pretende apresentar um projeto de educação pela arte intitulado *Clube dos Carrancas*, destinado a crianças entre os 6 e os 12 anos de idade, que decorreu no Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto), entre 2012 e 2014. Enquanto autora e responsável pela sua dinamização, gostaria de explicitar os pressupostos do projeto e o modo como foi aplicado. O clube assentou na ideia de que a aproximação à obra de arte não pode ser imposta, condicionada, nem mesmo sugerida; ela deve resultar de um processo natural, espontâneo e não programado. Isto só é possível quando o museu se torna um lugar familiar – uma casa – e a obra de arte passa a integrar a nossa coleção de afetos e de interrogações. A metodologia usada para que o museu se transfigurasse numa casa passou por deixar a cargo dos participantes do clube a definição da programação e das atividades a realizar.

Os resultados desta experiência educativa foram demonstrativos da relevância que este tipo de intervenção de longa duração pode ter ao nível do desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, mas também da importância que pode ter para as suas famílias e para o próprio museu.

Palavras-chave: educação em museus; educação na arte e pela arte; projeto educativo de longa duração

Às vezes gostava de ser uma peça de museu – ou um quadro ou uma estátua ou um porteiro. Queria-me sentir depois de fechar o museu, animava-me então, saltava para fora do quadro – deixava a moldura estupidamente pregada na parede – e ia ter com outra peça – , ou descansava numa paisagem maravilhosa do século XVIII ou ia passear de braço dado com uma das Nereidas. Das várias vitrinas ia tirando jóias e colares para enfeitar os personagens da minha fantasia até olhar desconfiado para a Mona Lisa e notar-lhe um olhar duvidoso.

Ruben A., *Páginas (III)*, Assírio & Alvim, 1998, pp. 86-87.

Introdução

O presente texto tem como objetivo apresentar um projeto educativo de longa duração que foi realizado no Museu Nacional de Soares dos Reis (MNSR) no Porto, nos anos letivos 2012/2013 e 2013/2014²⁹. Este projeto intitulado *Clube dos Carrancas* foi concebido para crianças dos 6 aos 12 anos de idade e concretizou-se em sessões que se realizavam aos sábados das 14h30 às 17h30. Este projeto de educação pela arte³⁰ funcionou ao longo deste período com um grupo que chegou a incluir oito crianças³¹.

A necessidade de partilhar este projeto prende-se com a convicção que os seus princípios e a metodologia usada podem ser aplicados a outras realidades museológicas – com as devidas adaptações e alterações decorrentes das especificidades dos espaços e das coleções e dos perfis dos intervenientes – configurando, como tal, novos projetos com identidades próprias. Se queremos que os museus se assumam como laboratórios de práticas educativas, torna-se ‘obrigatório’ divulgar projetos educativos – sobretudo se eles se revestirem de um carácter experimental e exploratório.

O *Clube dos Carrancas* nasceu a partir de em conjunto de observações, de conclusões, de interrogações e dúvidas que surgiram no decorrer da minha experiência no MNSR orientando visitas a crianças e a grupos escolares de vários níveis etários. Essa experiência foi determinante porque me alertou para as dificuldades do mediador neste contexto museológico específico.

²⁹ Este projeto não teria sido possível sem a colaboração da Dra. Maria João Vasconcelos, diretora do MNSR, que aceitou que o museu acolhesse esta experiência educativa, proporcionando condições para que o *Clube dos Carrancas* pudesse ser uma realidade. Foi muito importante a ajuda da técnica superior Dra. Adelaide Carvalho, que funcionou como uma ponte entre mim (como responsável do projeto) e o museu, garantindo as condições logísticas e funcionais para a realização das sessões e das atividades.

³⁰ Conceito desenvolvido por Herbert Read na obra “Education through art” (1943), onde preconiza que a arte deve ser a base da educação porquanto é potenciadora do desenvolvimento integral e harmonioso do ser humano.

³¹ Fizeram parte do *Clube dos Carrancas*: Ana Neri, Beatriz Fonseca, Catarina Arrifana, Charlotte Einoff, Francisca Cardoso, Hannah Einoff, Inês Lopes e Pedro Ferreira. Agradeço aos pais destas crianças que acreditaram no projeto e colaboraram com todas as atividades realizadas.

Museu Nacional de Soares dos Reis: Um lugar difícil?

É inquestionável a importância do MNSR no panorama museológico nacional, quer pela representatividade das suas coleções quer pela sua própria história enquanto primeiro museu público de arte do país. Este museu, no entanto, apresenta algumas barreiras que tornam difícil que o visitante consiga estabelecer com ele relações de pertença e de proximidade, sobretudo quando esses visitantes são crianças. É importante, ainda que muito superficialmente, indicar algumas dessas barreiras.

A primeira barreira é arquitetónica e, por isso, impõe-se mesmo antes do visitante entrar. A fachada neoclássica, que assume um grande protagonismo na rua de qualquer ângulo por onde seja observada, transmite imponência, austeridade e rigidez que são intimidatórias e colocam reservas à entrada, inevitavelmente.

No espaço expositivo propriamente dito são várias as dificuldades que podem ser apontadas, na ótica do pequeno visitante.

O primeiro piso é constituído pelas coleções de escultura e de pintura e que abarcam, grosso modo, o século XIX e a primeira metade do século XX. No segundo piso encontramos uma exposição dedicada às artes decorativas que apresenta coleções de mobiliário, cerâmica, ourivesaria, joalheria, entre outras.

Nestas coleções as crianças encontram poucos indícios da materialidade com que convivem diariamente, poucas semelhanças com as realidades que conhecem, que lhes são familiares e que estão presentes nas narrativas do seu quotidiano. Este facto, por si, poderia ser gerador de curiosidades e de perguntas da parte dos visitantes – o que não é frequente, sobretudo porque as coleções estão inseridas num discurso museográfico clássico, pouco acessível e pouco orgânico, que não promove o conforto, não facilita a pergunta, não estimula a curiosidade nem o olhar atrevido.

As crianças, nomeadamente nas faixas etárias dos 4 aos 7 anos, quando entram no museu contactam com um mundo distante com o qual dificilmente estabelecem relações e onde, para terem experiências genuinamente marcantes, o mediador tem que desempenhar um papel fundamental na criação de estratégias e instrumentos de mediação.

O Museu Pode Ser Uma Casa? Pressupostos Do Projeto

Como derrubar as barreiras enunciadas? Como tornar o museu um espaço amigável, confortável e convidativo a um diálogo com a obra de arte? Como tornar o museu um espaço familiar, onde a obra de arte integre a nossa coleção de afetos e de interrogações?

O projeto foi pensado para responder a estas questões acreditando que essa familiaridade pode acontecer se o museu for sentido como uma casa, nas diversas aceções e dimensões que a palavra tem:

- a casa como repositório de memórias que nos ajudam a construir enquanto seres humanos;
- a casa como abrigo e refúgio, onde a nossa intimidade está preservada do caos exterior;
- a casa como espaço de aprendizagem porquanto é local de confronto conosco próprios, com os outros e com o mundo.

A estrutura do projeto, o desenho dos programas, o planeamento das sessões e das atividades nortearam-se por três princípios:

- 1) os Museus de Arte são por excelência espaços privilegiados de educação, e o seu potencial é ‘ferido’ quando fazemos destes espaços réplicas das salas de aula e das interações que lá acontecem (Fróis, 2008);
- 2) o contacto com a Arte faz de nós pessoas mais criativas, seres humanos mais autónomos, mais críticos e mais tolerantes (UNESCO, 2006);
- 3) a aproximação à obra de arte não pode ser imposta, condicionada, nem mesmo sugerida; ela deve resultar de um processo natural, espontâneo e não programado³².

Como É Que Um Museu Pode Ser Uma Casa? Metodologias De Trabalho

O nome *Clube dos Carrancas* exprime de certa forma o âmbito do projeto. A expressão *Carrancas* advém da história do próprio edifício onde está albergado o museu. A família que o mandou contruir, nos finais do século XVIII, possuía uma fábrica situada na Rua dos Carrancas e, por isso, era conhecida pela família dos Carrancas tendo o palácio acabado por herdar esse nome – Palácio dos Carrancas. Assim, *Carrancas* é uma expressão que remete para a história do edifício como casa e para os seus primeiros habitantes. Por outro lado, a palavra *Clube*, no imaginário infanto-juvenil, convoca uma ideia de aventura vivida em grupo.

Definido o âmbito do projeto, interessa responder à pergunta como é que o museu pode ser uma casa, descrevendo as duas fases de trabalho delineadas. Importa esclarecer previamente que este faseamento não era estanque nem tinha sido temporalmente bem definido. Embora tratando-se de um grupo – unido por um ‘espírito de clube’ – a passagem da primeira fase para a segunda não aconteceu no mesmo momento para todas as crianças que participaram no projeto. Essa transição foi gerida individualmente em função da idade, da personalidade, da assiduidade às sessões e da própria data de entrada no clube, visto que as inscrições estiveram

³² O princípio enunciado inscreve-se nas perspetivas construtivistas da educação que “definem os sujeitos como sendo activos na construção da interpretação das suas experiências educacionais, a partir dos seus conhecimentos prévios, das suas competências, do seu percurso de vida, da sua bagagem cultural e da sua motivação pessoal. Esta perspectiva faz recair sobre o próprio aprendiz a responsabilidade pela sua aprendizagem, remetendo para o educador e para a instituição educativa o papel de criar os ambientes e condições mais apropriados ao desenvolvimento e construção das competências necessárias a essa mesma aprendizagem, funcionando, assim, como facilitadores e potenciadores do processo, mais do que como a única fonte dos conhecimentos” (Silva, 2007).

abertas durante o período em que o projeto funcionou. Isto significa que em muitas das atividades realizadas, conviveram participantes que estavam integrados em fases diferentes.



1ª Fase: Do Espaço Que Intimida Ao Espaço Onde Gostamos De Habitar

Um momento de brincadeira na sede do Clube

A primeira fase consistiu em tornar o museu, gradualmente, um espaço familiar onde os participantes se sentissem seguros e protegidos, um espaço que conhecessem como 'a palma da mão'. Operou-se assim um trabalho de despir o museu da sua formalidade e de quebrar a dureza e a rigidez dos espaços. Era necessário conseguir fazer a transição de um sítio que nos intimida e que às vezes causa medo para um sítio que é nosso, que nos pertence e onde gostamos de habitar.

Para isso, foi preciso trazer para o museu as atividades que normalmente as crianças fazem em suas casas: brincar, festejar, comer, convidar amigos, dormir, etc. Nesta fase, o papel do mediador é o de proporcionar a aproximação ao espaço, às pessoas que lá trabalham e à própria dinâmica da instituição museológica. Nesse sentido, cabe-lhe a definição de estratégias e atividades a realizar, de acordo com o grupo, com o perfil de cada criança e os seus interesses.



Um jogo na Cerca do MNSR

Esta fase beneficiou muito dos espaços não expositivos do museu e que 'fazem as delícias' dos mais pequenos. Este museu possui dois excecionais espaços ao ar livre (jardim interior e Cerca) e um espaço de serviço educativo polivalente e muito bem equipado, onde o clube teve a sua sede – local de trabalho, de reuniões e de cumplicidades.



Jogo de perguntas e respostas entre amigos



Lanche de aniversário

Uma noite no MNSR

2ª Fase: O Museu, Uma Casa Especial

Os participantes, à medida que tratam o museu como se fosse a sua casa, vão começando – naturalmente – a olhar para o seu conteúdo, para a disposição das coleções, para os pormenores dos espaços. Esse olhar para as obras é espontâneo; agora os objetos são olhados não como entes estranhos e distantes mas como objetos que lhes são familiares. É neste momento que os participantes, sem constrangimentos, já completamente ambientados, começam a pensar em voz alta, a fazer perguntas ou então a expressar aquilo que querem fazer naquele espaço que entendem ser único.



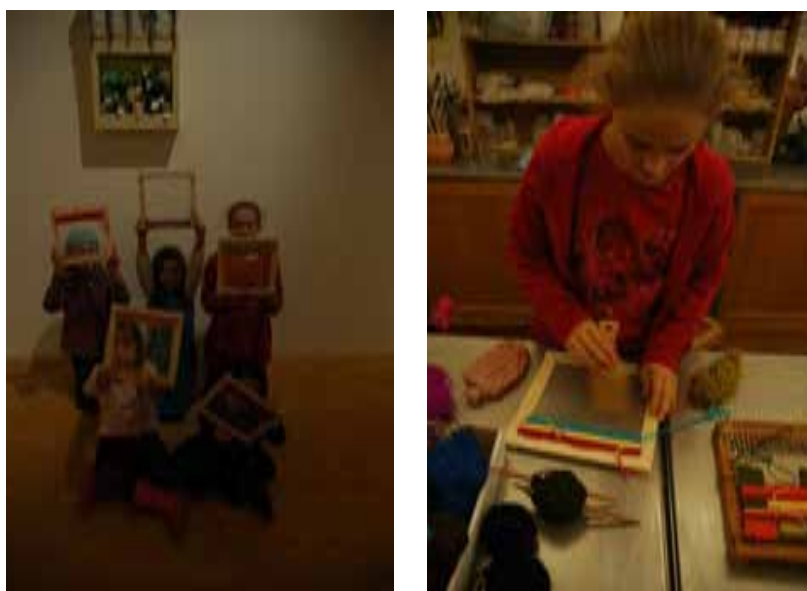
Vencido o sentimento de estranheza, os participantes sentem-se verdadeiros habitantes do museu e a quererem definir o que lá dentro vão fazer – com consciência de que é um sítio onde não se pode fazer tudo. Isto é, o museu é sentido como uma casa mas há a consciência que essa casa é diferente e o seu carácter único é devido ao património que guarda.



O Clube dos Carrancas numa exposição temporária



As crianças quiseram conhecer os bastidores do museu: o Clube dos Carrancas no montacargas



A exposição temporária de tapeçarias da Manufatura de Portalegre despertou nas crianças a vontade de experimentar fazer um trabalho de tecelagem



Um dos cartazes feitos pelas crianças para divulgarem o Dia Internacional dos Museus

O mediador deixa a cargo dos participantes do clube a definição da programação e das atividades a realizar. A sua função nesta fase é planejar e organizar as atividades de modo a que as ideias dos participantes se transformem em projetos exequíveis. Nesse sentido, pode dizer-se que os participantes do projeto foram também os seus próprios programadores. O clube assumiu-se como um espaço de liberdade, de autonomia e simultaneamente de responsabilidade.

“O PALÁCIO MÁGICO” – A HISTÓRIA DE UMA GRANDE AVENTURA

Para ilustrar o que acabei de escrever, dou como exemplo uma atividade paradigmática deste modelo participativo e onde foi notória a intervenção dos membros do clube como programadores.

O “Palácio Mágico” foi um projeto desenvolvido pelo *Clube dos Carrancas* e que, pela proporção que tomou, acabou por estar presente nas duas edições do clube. Tudo começou por uma pergunta da participante mais nova do clube: “o que será que acontece no museu à noite, depois de todos irem embora?” Essa pergunta, que gerou muitas respostas dos outros participantes, acabou por alimentar a criatividade de todos que, juntos, imaginaram uma história. As esculturas, as figuras representadas nos quadros, as peças de artes decorativas humanizaram-se e fizeram do museu um cenário onde eram personagens. Nessa história, cruzaram-se assim várias tipologias de peças e peças provenientes de diferentes períodos históricos: o *Desterrado* de Soares dos Reis e a menina retratada no quadro *A tigela partida* de Silva Porto partilhavam objetivos e trocavam diálogos. Da narração imaginada nasceu a vontade de escrever um livro e de o ilustrar.

Quando o livro ficou pronto, depressa uma das crianças lançou uma nova ideia: “era giro fazermos uma peça de teatro a partir desta história!”. Após muitas negociações e cedências, a peça de teatro impôs-se como o próximo desafio dos membros do clube.



A ilustração do livro

A concretização desta ideia proporcionou um envolvimento maior dos participantes com as coleções do museu, um envolvimento que os próprios participantes demonstraram vontade de ter. As peças que outrora foram personagens de um conto tinham agora que ganhar forma e conteúdo e, para isso, tiveram que ser estudadas para uma caracterização mais profunda dos seus estados de espírito, dos seus problemas, para a redação dos diálogos e a execução do guarda-roupa, adereços e cenários. Todas essas tarefas foram decididas e executadas pelos participantes, ao longo de vários meses.



A realização do guarda-roupa



A realização dos cenários

A peça de teatro foi apresentada ao público no dia internacional dos museus, em 18 de Maio de 2014 e integrada na oferta do museu para esse dia que nesse ano tinha como tema “As Coleções geram conexões”. A apresentação encerrou um ano de trabalho, dedicação e divertimento.



A realização dos cenários



Um dos ensaios finais

Quando O Museu É Habitado...

Para concluir, gostaria de salientar alguns dos impactos do projeto ou, por outras palavras, revelar o que acontece quando o museu é habitado. Quando o museu é habitado, as barreiras e as dificuldades dos espaços são ultrapassadas com naturalidade.

Os participantes estabeleceram laços de familiaridade com as coleções e com os espaços, conseguiram criar no museu um território de pertença e de partilha. Tenho a certeza que estas crianças vão ser futuros públicos de museus porque a palavra MUSEU para elas é agora um sinónimo de casa, de familiaridade e sempre que for dita convocará memórias, recordações de uma experiência intensa e feliz.

Importa referir que não se ensinou história da arte, não se falou de movimentos artísticos, nem de polémicas que certas obras despertam. Não se explicou o que era um museu e uma coleção, muito menos o conceito de património. Aqui não foi importante o discurso da história da arte nem o próprio discurso que o museu faz sobre as peças que expõe; neste projeto a primazia foi dada ao discurso que as próprias crianças fizeram sobre as obras e os diálogos que para elas criaram, suscitados pela familiaridade e intimidade que estabeleceram com o museu. Isso foi um verdadeiro motor de criatividade, mas também lhes incutiu o sentido da responsabilidade – sobretudo quando tiveram a perceção de que estavam a gerir o seu clube e a definir estratégias em conjunto. E, nessa gestão, as crianças perceberam que a tolerância é necessária para se cumprirem objetivos comuns.

O *Clube dos Carrancas* também teve impactos nos outros intervenientes, que não as crianças, e que também acrescentaram valor ao projeto.

Por extensão, e não menos importante, foi o impacto que o projeto teve nas famílias e amigos dos participantes. O projeto envolveu as famílias que acabaram por também vivenciar o espírito do clube e trouxe-as ao museu com regularidade para ver o resultado das atividades das crianças. Os familiares dos *Carrancas* também foram, por extensão, habitantes deste museu e certamente ficaram mais despertos para as potencialidades que os museus têm em termos educativos.



As crianças acompanham o segurança na "Ronda da noite", após o encerramento do museu



A equipa técnica explica como se pendura uma obra de arte

Também considero importante mencionar o envolvimento dos funcionários do museu, em particular dos vigilantes e da equipa técnica, que conviveram e estabeleceram laços com os pequenos habitantes cuja presença ao sábado se tornou num fator de animação e de curiosidade. Para além disso, há que referir que a colaboração da equipa técnica foi mesmo imprescindível para a concretização de algumas atividades do clube, como por exemplo a montagem da exposição no átrio de entrada do museu onde as crianças expuseram os seus autorretratos – primeira atividade realizada pelo *Clube dos Carrancas* em 2012.

Por último, e porque acredito que a educação é um território de partilha que se constrói com as dúvidas, as memórias, as experiências e os conhecimentos de todos os intervenientes, não posso deixar de referir o impacto que o projeto teve em mim. Este projeto contribuiu para o meu crescimento enquanto pessoa e enquanto profissional porque me obrigou a um questionamento contínuo da minha intervenção como mediadora. Nunca mais vou olhar para certas obras do MNSR da mesma maneira. Agora, para além do prazer de as ver e de as interrogar, carrego as recordações e os afetos de dois anos intensivos de *Clube dos Carrancas*.

O autorretrato de Aurélia de Sousa, por exemplo, lembrar-me-á sempre os olhos vidrados da Hannah de 12 anos a olhar para ele e a dizer convicta “este é o meu quadro preferido”.



Antes de partir para a Alemanha, a Hannah pediu-me para tirar uma fotografia ao lado do seu quadro preferido.

Finalizando, posso dizer que quando um museu é habitado ele pode tornar-se um lugar mágico, um lugar de sonho e de imaginação – e o sonho e a imaginação não são um exclusivo das crianças. Acredito que os museus podem ser espaços de sonho e de imaginação para todos os públicos!

Referências Bibliográficas

Fróis, J. P. (2008). Os Museus de Arte e a Educação. Discursos e Práticas Contemporâneas. *Museologia.pt*, 2, 63-75.

Silva, S. G. (2007). Enquadramento teórico para uma prática educativa nos museus. Em Praça, J.H. (Ed.), *Serviços Educativos na Cultura* (57-66). Porto: SETEPÉS.

UNESCO (2006). Roteiro para a Educação Artística. Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.